

ANIMAIS SILVESTRES

CONVIVÊNCIA E RISCOS



VÂNIA MARIA FRANÇA RIBEIRO
LUCIANA DOS SANTOS MEDEIROS
COLABORADORAS



Edufac

VÂNIA MARIA FRANÇA RIBEIRO
LUCIANA DOS SANTOS MEDEIROS

COLABORADORES

ANIMAIS SILVESTRES

CONVIVÊNCIA E RISCOS



Edufac



Edufac

**ANIMAIS SILVESTRES
CONVIVÊNCIA E RISCOS**

ISBN 978-85-8236-067-5

Copyright © Edufac 2017, Vânia Maria França Ribeiro e
Luciana dos Santos Medeiros

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac
Rod. BR364, KM04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre

Diretor

José Ivan da Silva Ramos

Editora de Publicações

Jocília Oliveira da Silva

Coordenadora Comercial

Ormifran Pessoa Cavalcante

Projeto Gráfico

AntonioQM

Capa

AntonioQM

Colaboradores

Karla Dayane Gruhn
Marianne Ferreira de Albuquerque
Itacir Olívio Farikoski
Paula Joseanny Borges da Silva

Ilustrações

Karla Dayane Gruhn

Registros Fotográficos

Itacir Olívio Farikoski

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

José Ivan da Silva Ramos

Vice-Presidente

José Porfiro da Silva

Membros

Adailton de Souza Galvão
Antonio Gilson Gomes Mesquita
Bruno Pereira da Silva
Carla Bento Nelem Colturato
Damián Keller
Eustáquio José Machado
Fabio Morales Forero
Jacó César Piccoli
José Mauro Souza Uchôa
Lucas Araújo Carvalho
Manoel Domingos Filho
Maria Aldecy Rodrigues de Lima
Raimunda da Costa Araruna
Simone de Souza Lima
Tiago Lucena da Silva
Yuri Karaccas de Carvalho

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O QUE SÃO ZOOSE?	13
3. MACACOS	17
3.1 RAIVA29
3.2 TUBERCULOSE32
3.3 FEBRE AMARELA36
3.4 HEPATITE A38
3.5 SHIGELOSE43
3.6 LEISHMANIOSE45
4. QUELÔNIOS	49
4.1 SALMONELOSE54
5. AVES	59
5.1 PSITACOSE64
6. CAPIVARAS	69
6.1 FEBRE MACULOSA BRASILEIRA72
6.2 BRUCELOSE74
6.3 LEPTOSPIROSE76
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79

APRESENTAÇÃO

É incontestável o uso de animais silvestres como alimento ou como animais de estimação. Os animais silvestres da Amazônia, além de serem parte do cotidiano da vida de caboclos, atraem cada vez mais o interesse de criadores e colecionadores de espécimes exóticos. É notável essa vontade de interagir com animais silvestres, levando pessoas, muitas vezes, a negligenciarem a legislação, estabelecendo o tráfico de animais silvestres, o terceiro maior comércio ilegal em nosso país.

Além das questões legais que concernem à posse, compra e venda de animais silvestres, é importante levantar a questão sanitária. Estudos comprovaram que grande parte das doenças infecciosas emergentes é representada por patógenos causadores de zoonoses e, destes, 71,8% têm origem em animais silvestres. Portanto, a estreita convivência entre animais silvestres, sem que os mesmos tenham sido devidamente inspecionados por médicos veterinários em criatórios legalizados, pode levar à disseminação de agentes etiológicos causadores de diversas enfermidades ao homem e aos animais domésticos.

A finalidade deste livro é esclarecer a população sobre as principais enfermidades transmitidas ao homem por animais silvestres que, muitas vezes, fazem “parte da família” daqueles que os criam. Neste contexto, são abordados desde as espécies de animais que servem de reservatórios aos transmissores das doenças até a sintomatologia e maneira de evitá-las.

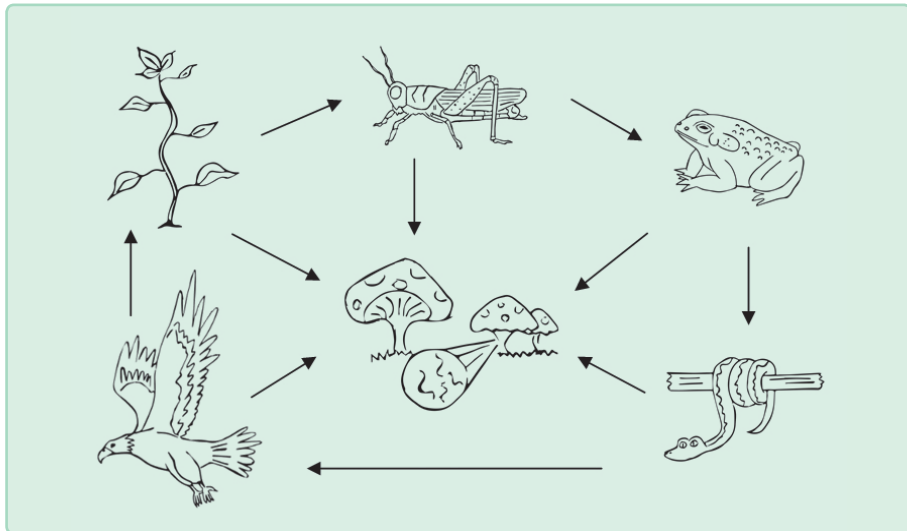
Vânia Maria França Ribeiro
Profª Drª Universidade Federal do Acre.

INTRODUÇÃO



1.

Anatureza se manifesta na mais perfeita harmonia. Todos os componentes de uma floresta – animais e vegetais – convivem em perfeito equilíbrio. Todos possuem uma importante função, seja o menor dos insetos ou a mais simples plantinha.



A simples retirada de um animal da floresta para a convivência doméstica, além de contribuir para a quebra do equilíbrio da natureza, pode ser fator de sérios riscos a sua saúde e de sua família.

Deve-se considerar que estes animais foram retirados de seu ambiente natural, portanto, além de perderem a liberdade, eles têm sua alimentação modificada, o que pode provocar mudanças em seu comportamento, como agressividade excessiva.

Animais silvestres que vivem em florestas próximas às cidades ou que foram trazidos para áreas urbanas, onde vivem em cativeiro (gaiolas, presos a correntes ou cordas), podem ser transmissores de doenças aos seres humanos. Essas doenças em sua maioria são causadas por microrganismos (agentes etiológicos) como bactérias, vírus e protozoários, que são seres tão pequenos que só podem ser vistos com o auxílio de um aparelho chamado de microscópio.

Estes pequenos seres estão presentes naturalmente no meio ambiente. Alguns deles causam doenças, outros não.

As principais espécies de animais silvestres encontradas com maior frequência em criatório doméstico, ou convivendo em proximidade com o homem, sua importância na natureza, bem como as principais doenças (zoonoses) que podem transmitir e os cuidados necessários para evitá-las serão relatados nos capítulos a seguir.

O QUE SÃO ZONNOSES?



2.

São doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre os animais vertebrados e o homem.



Os animais muitas vezes podem transmitir diversas doenças ao homem sem que apresentem qualquer sinal clínico que indique alteração de saúde.

A maioria dos agentes etiológicos de zoonoses pode estar presentes em animais selvagens em ecossistemas silvestres e a proximidade do homem a esse ecossistema possibilita o surgimento de doenças em ambos os lados.



Mais de 200 doenças transmissíveis enquadram-se na definição de zoonoses proposta pela Organização Mundial de Saúde.

MACACOS



3.

Muitas espécies de macacos possuem um importante papel na polinização e dispersão de sementes de diversos tipos de plantas. Portanto, a diminuição ou mesmo a ausência de determinadas espécies de macacos em uma região de floresta pode indicar alterações naquele meio ambiente.

PRINCIPAIS ESPÉCIES CRIADAS EM NOSSA REGIÃO:

FIGURA 1: Macaco-prego (*Cebus apella*)

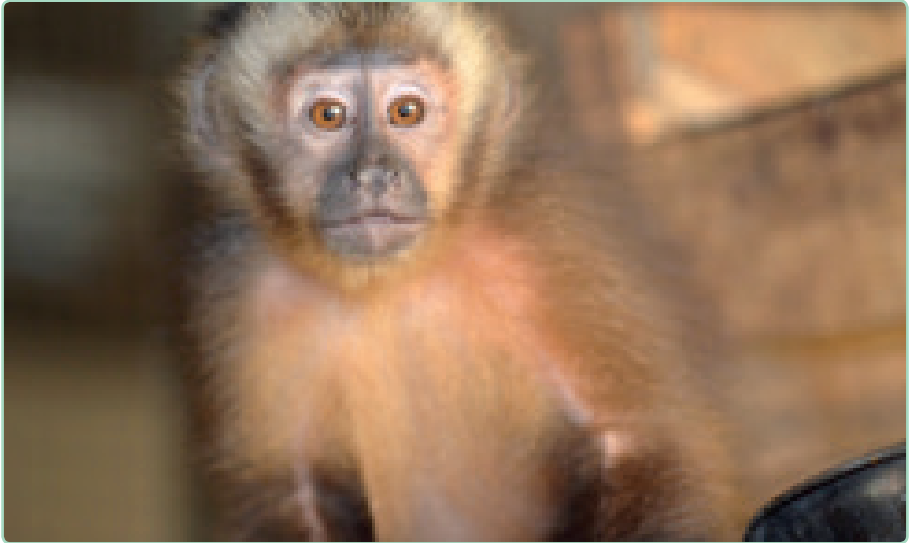


FIGURA 2: Macaco-de-cheiro (*Saimiri boliviensis*)



FIGURA 3: Bigodeiro (*Saguinus imperator*)



FIGURA 4: Macaco-da-noite (*Aotus nigriceps*)



FIGURA 5: Macaco aranha (*Ateles paniscus*)



FIGURA 6: Macaco barrigudo (*Lagothrix lagotricha*)



FIGURA 7: Macaco caiarara (*Cebus kaapori*)



FIGURA 8: Leãozinho-da-taboca (*Cebuella pygmaea*)



FIGURA 9: Capelão (*Alouatta fusca*)



DOENÇAS QUE OS MACACOS PODEM TRANSMITIR:

3.1 RAIVA

A palavra raiva tem origem do sânscrito Rhabas que tem como significado “fazer violência”: devido ao comportamento agressivo apresentado pelo animal infectado.

É uma doença infecciosa de alta letalidade (ou seja, tem grandes chances de causar morte entre as pessoas que ficam doentes)

3.1.1 AGENTE ETIOLÓGICO

O agente etiológico da raiva é um vírus pertence à família Rhabdoviridae e ao gênero *Lyssavirus*.

3.1.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

No início, os sintomas são característicos. A pessoa irá apresentar alteração de humor, inquietação e sono agitado. Após essa fase, surgem alterações na sensibilidade (sensibilidade à luz, som etc.), sensação de queimação, formigamento e dor no local da mordedura. Essas alterações duram de 2 a 4 dias.

Posteriormente, inicia-se um quadro de alucinações, acompanhado de febre, medo de correntes de ar e de água, de intensidade variável e convulsões.



NO ANIMAL:

O animal geralmente apresenta dificuldade para engolir, salivação abundante, mudança de comportamento, mudança de hábitos alimentares e paralisia das patas traseiras.



3.1.3 TRANSMISSÃO:

A transmissão ocorre principalmente pela inoculação de saliva de um animal afetado em outro animal sadio ou ser humano. Essa inoculação ocorre através de mordidas, lambeduras etc.

3.1.4 PREVENÇÃO E CONTROLE

- Vacinação antirrábica em cães e gatos, uma vez que a transmissão pode ocorrer entre animais silvestres e domésticos;
- Evitar contato com animais silvestres, mesmo aqueles de estimação, como macacos e outros mamíferos;

- Caso a pessoa seja mordida por animal doméstico ou animal silvestre, lavar imediatamente o ferimento e ir a uma Unidade de Saúde o mais rápido possível;
- Profissionais que lidam com animais domésticos e silvestres devem fazer a pré-exposição através da vacinação (Três dosagens, com 0, 7 e 28 dias. No 14º dia após a última vacina recomenda-se o exame sorológico para ver se há a necessidade de mais uma dose de reforço).

3.2 TUBERCULOSE



A tuberculose é uma doença infectocontagiosa de grande importância médica por ocasionar mortalidade em seres humanos, possui também uma

grande importância econômica, pois atinge de modo geral muitos mamíferos e aves causando sérios problemas na produção além de seu elevado poder zoonótico.

3.2.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Bactérias do gênero *Mycobacterium*.

3.2.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

Tosse seca contínua no início, depois com presença de secreção por mais de quatro semanas, transformando-se, na maioria das vezes, em uma tosse com pus ou sangue, cansaço excessivo, febre, sudorese noturna, falta de apetite, palidez, emagrecimento acentuado, rouquidão, fraqueza e dificuldade na respiração.

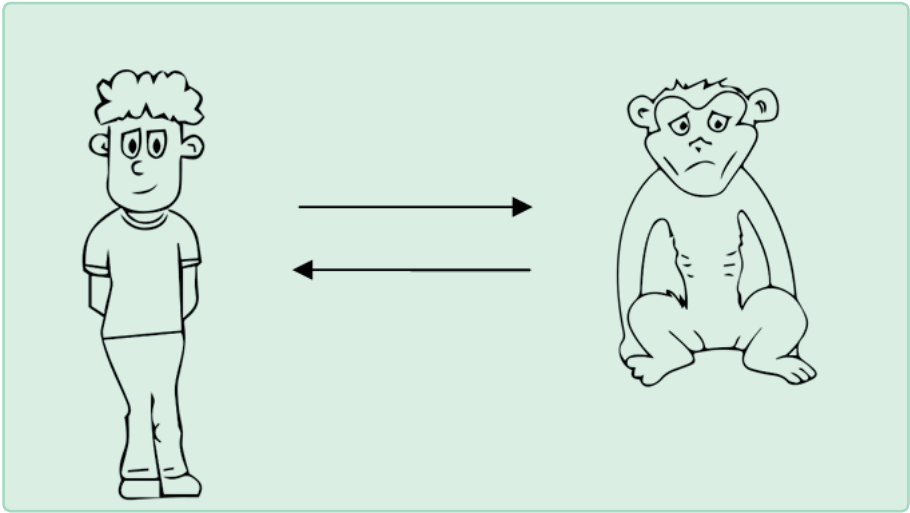
NO ANIMAL:

O principal sintoma é a redução da condição física do animal, que apresentará perda de peso, fraqueza, falta de apetite, manifestações respiratórias, temperatura oscilante, tosse, aumento dos linfonodos superficiais, entre outros.



3.2.3 TRANSMISSÃO

Contato direto com os animais ou inalação de gotículas de saliva que ficam suspensas no ar; contato com fezes e secreções do animal doente; ingestão de produtos de animais doentes. Muitas vezes a transmissão pode acontecer do homem para o animal que passa a ser um propagador da doença se não for previamente diagnosticado.



3.2.4 CONTROLE E PREVENÇÃO

- Deve-se evitar o contato direto com saliva ou fezes de animais contaminados;
- Saber a procedência dos alimentos de origem animal, uma vez que o consumo de produtos derivados de animais contaminados torna-se uma importante via de contaminação.

3.3 FEBRE AMARELA

A febre amarela é uma importante doença transmitida pela picada de mosquitos infectados com o vírus e pode levar a morte. Ocorre principalmente nas regiões tropicais e subtropicais, em função das condições climáticas favoráveis para a procriação e desenvolvimento de mosquito transmissores.

3.3.1 AGENTE ETIOLÓGICO

O vírus pertence ao gênero *Flavivirus*, originário da África.

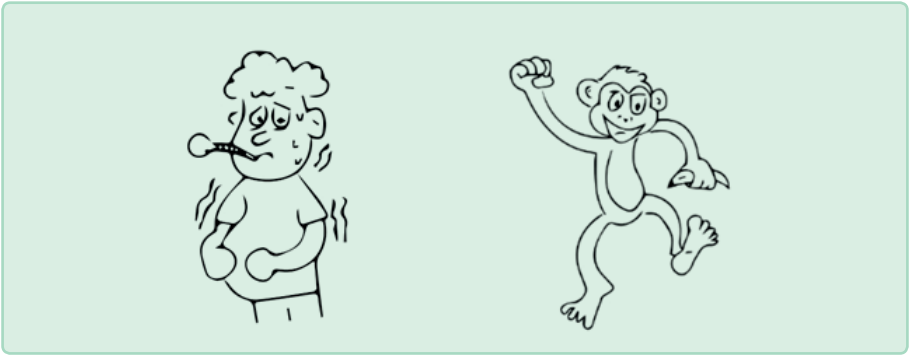
3.3.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

Febre moderada, calafrios, dor de cabeça e nas costas, fraqueza, indisposição e tontura. Nos quadros graves e malignos estes sintomas são agravados, junto com complicações hepatorenais (fígado e rins) e icterícia (amarelão – a pessoa doente fica com a pele e o branco dos olhos amarelo). Pode até ocorrer a morte do doente.

NO ANIMAL:

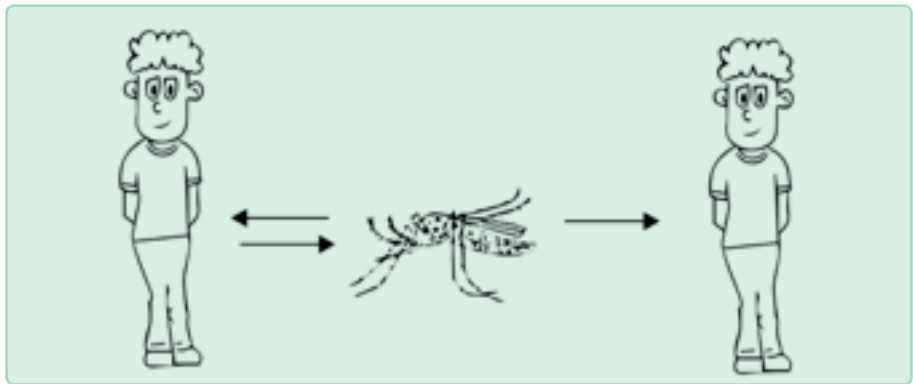
Considera-se um animal doente quando este apresenta comportamento anormal, perda de apetite, desnutrição e desidratação. Pode apresentar infecções secundárias, lesões cutâneas, secreção nasal e/ou ocular, diarreia entre outros.



3.3.3 TRANSMISSÃO

O vírus da febre amarela mantém-se em dois ciclos básicos:

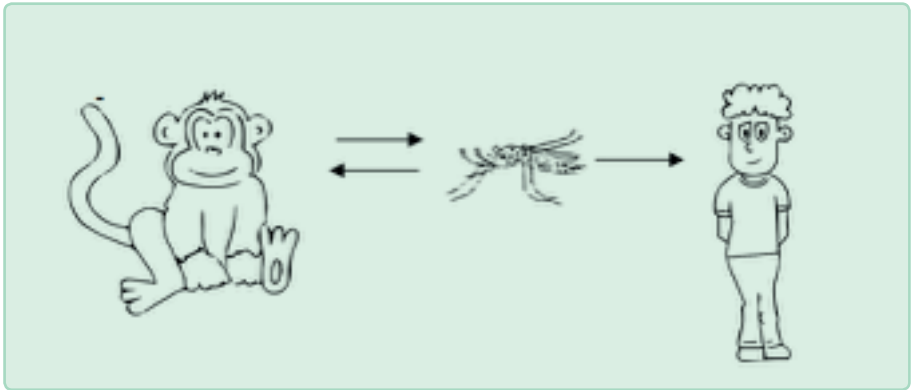
- Ciclo urbano: do tipo homem-mosquito, onde o *Aedes aegypti* é o mosquito responsável pela transmissão da doença, ao picar uma pessoa livre da doença.



- Ciclo silvestre: varia de acordo com a região onde ocorre, sendo os transmissores, mosquitos pertencentes ao gênero *Haemagogus*. Os hospedeiros primários (animais que ofereçam, em condições naturais, subsistência ou alojamento a um agente infeccioso) são os macacos. O homem não imunizado entra neste ciclo acidentalmente, quando entra em áreas de florestas e é picado pelo mosquito infectado.

3.4 HEPATITE A

É uma doença viral aguda, de manifestações clínicas variadas, os sintomas se assemelham a uma síndrome gripal. O quadro clínico é mais intenso a medida que aumenta a idade do paciente.



3.4.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Vírus da Hepatite (HAV). Vírus RNA, família Picornaviridae.

3.4.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

Mal estar, dor de cabeça, febre baixa, anorexia, fadiga intensa, vômito, desconforto abdominal, aversão a alguns

alimentos e a fumaça de cigarro, icterícia e dor muscular.



NO ANIMAL:

Nos primatas a infecção é geralmente assintomática (sem sintomas), mas ocasionalmente pode levar o animal a morte. Os sinais, quando presentes, incluem aumento do fígado, icterícia (gengiva e branco dos olhos amarelados), urina escura, falta de apetite, entre outros.



3.4.3 TRANSMISSÃO

Fecal-oral, ingestão de água e alimentos contaminados, contato com primatas recém- capturados ou com as fezes desses animais.



3.4.4 CONTROLE E PREVENÇÃO

- Educação da população quanto às boas práticas de higiene, com ênfase na lavagem das mãos após o uso do banheiro, para preparação de alimentos;
- Recomenda-se fazer higiene pessoal e utilizar roupas protetoras, quando se for manejar primatas ou suas secreções naturais.

3.5 SHIGELOSE

Também conhecida como disenteria bacilar clássica ou disenteria bacteriana. Estima-se que a shigelose é responsável por cerca de 600.000 mortes e dois terços dos casos de diarreia no mundo.

3.5.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Bactérias do gênero *Shigella*, constituídas por quatro espécies: *S. dysenteriae* (grupo A), *S. flexneri* (grupo B), *S. boyddi* (grupo C) e *S. sonnei* (grupo D);

3.5.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM

Os sinais incluem febre, dores abdominais, seguidas de diarreia e desidratação. Geralmente é auto-limitante, curando sozinha após 4-7 dias. A infecção grave, porém, pode ocorrer, e costuma estar associada com convulsões em crianças menores de 2 anos de idade.



NO ANIMAL:

Não apresenta sinais clínicos aparentes.

3.5.3 TRANSMISSÃO

A bactéria *Shigella* é transmitida pela água ou alimentos contaminados ou pelo contato com fezes contaminadas. Geralmente associada a um manipulador de alimentos contaminado, por falta de higiene pessoal.

3.5.4 CONTROLE E PREVENÇÃO

- Um controle eficaz inclui o tratamento do homem;
- Em animais afetados ou portadores indica-se o isolamento e o tratamento;
- Limpeza adequada das gaiolas de primatas;
- Higienização correta das mãos antes de manipular alimentos;
- Lavagem adequada de verduras e outros alimentos antes de consumi-los.

3.6 LEISHMANIOSE

Também conhecida como calazar ou ferida, é uma doença infecciosa crônica, que causa altos índices de morbidade (número de portadores de determinada doença em relação a população total) em algumas regiões e em alguns

casos pode até levar a morte. Afeta principalmente a população mais pobre, que mora em regiões mais isoladas.

3.6.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Protozoários flagelados do gênero *Leishmania* que causam lesões cutâneas e viscerais no homem e nos animais. No Brasil existem 5 espécies de *Leishmania* que causam doença no homem:

L. braziliensis (lesões cutâneas e mucosas), *L. guyanensis*, *L. ainsoni*, *L. amazonensis* (lesões cutâneas) e *L. chagasi* (forma visceral)

3.6.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

- Leishmaniose visceral: febre, anemia, indisposição, icterícia de pele e mucosas, perda de peso, aumento abdominal (aumento do fígado e do baço).
- Leishmaniose cutânea: elevação na pele com uma coloração avermelhada e de forma progressiva, depois aumenta em tamanho até formar uma ferida recoberta por uma crosta. Pode ocorrer nas mucosas do nariz e boca, causando deformações.

NO ANIMAL:

Semelhantes aos sintomas apresentados no homem, principalmente as lesões de pele, causadas pela leishmaniose cutânea.

Os macacos servem como reservatórios da *Leishmania*, porém só podem transmiti-la através dos mosquitos vetores (mosquito-palha), que pica o animal contaminado, se infecta com a *Leishmania* e ao picar outro animal ou o ser humano, transmite o protozoário causador da Leishmaniose. Sem o mosquito vetor, não existe transmissão.



3.6.3 TRANSMISSÃO:

Através da picada dos flebotomíneos (gênero *Lutzomyia*), que são insetos dípteros hematófagos de tamanho muito pequeno (facilita a passagem deles por telas de janelas e mosquitoire), popularmente chamados de “mosquito palha” ou “cangalhinha”.



3.6.4 PREVENÇÃO E CONTROLE

- Evitar fazer construção de casas ou acampamentos próximo a matas;
- Não frequentar rios e igarapés dentro de matas ao amanhecer e ao anoitecer, pois é o horário que o mosquito-palha está mais ativo;
- Ao acampar ou andar pela floresta usar mosquiteiro para dormir e utilizar sempre repelentes;
- Manter a limpeza próximo a residência retirando sempre folhas e material em decomposição.

QUELÔNIOS



4.

Quelônios ou testudines são nomes que agrupam todas as formas de tartarugas, jabutis e tracajás e muçuãs identificadas no mundo. São répteis facilmente identificáveis por causa de suas carapaças (casco).

Estes animais são normalmente utilizados na alimentação de populações da região, tanto a sua carne como seus ovos (tartarugas e tracajás) são muito apreciados. Além disso, podem ser encontrados como animais de estimação.

Os principais quelônios que ocorrem em nossa região são:

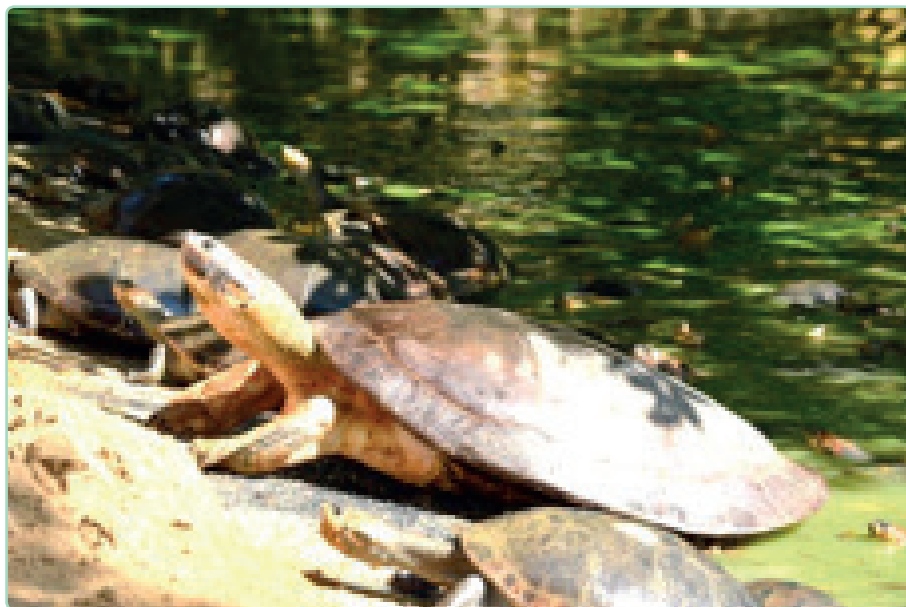
FIGURA 10: Jabuti (*Gochelone denticulata*)



FIGURA 11: Tracajá (*Podocnemis unifilis*)



FIGURA 12: Tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*)



DOENÇAS QUE OS QUELÔNIOS PODEM TRANSMITIR:

4.1 SALMONELOSE

É uma doença muito comum e causa muitos prejuízos para a saúde pública. Pode causar a morte de cerca de 1% da população contaminada.

4.1.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Bactérias do gênero *Salmonella*.

4.1.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

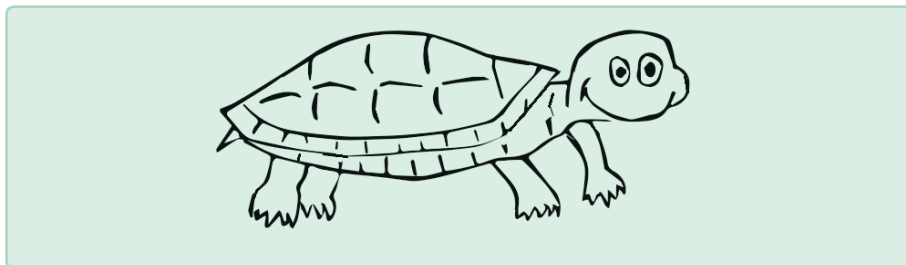
NO HOMEM:

Os principais sintomas são infecção intestinal, com febre, dores abdominais, dores de cabeça, vômito e diarreia.

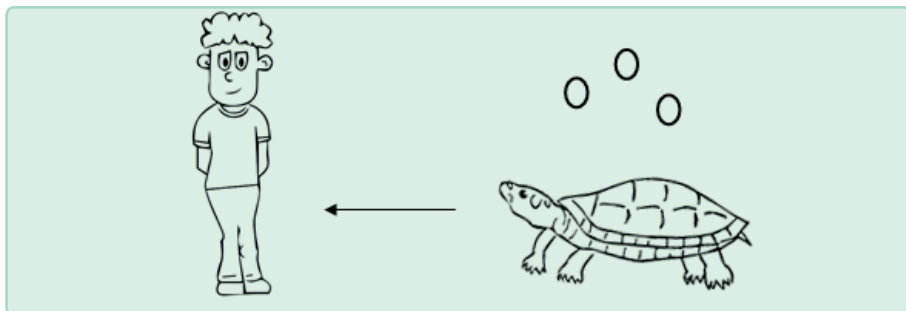


ANIMAL:

Grande parte dos quelônios que tem a *Salmonella* no seu organismo naturalmente não apresentam sinais clínicos, porém podem eliminar a bactéria e infectar outros animais e seres humanos.



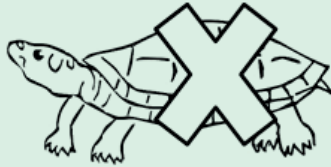
A transmissão ocorre de forma fecal-oral, ou seja, alimentos ou água contaminados por fezes de animais portadores de *Salmonella*.



4.1.3 PREVENÇÃO E CONTROLE

- Evitar a criação de quelônios em residências

- Não consumir ovos de quelônios pois estes representam importante fonte de infecção;
- Lavar bem as mãos antes de consumir alimento;
- Evitar que moscas e baratas andem sobre os alimentos;
- Cozinhar bem os alimentos antes do consumo, principalmente ovos.



AVES



5.

Entre as espécies encontradas em nossa região, as mais conhecidas e comumente mantidas como animais de estimação são:

FIGURA 13: Arara-vermelha (*Ara chloropterus*)



FIGURA 14: Arara-Canindé (*Ara ararauna*)

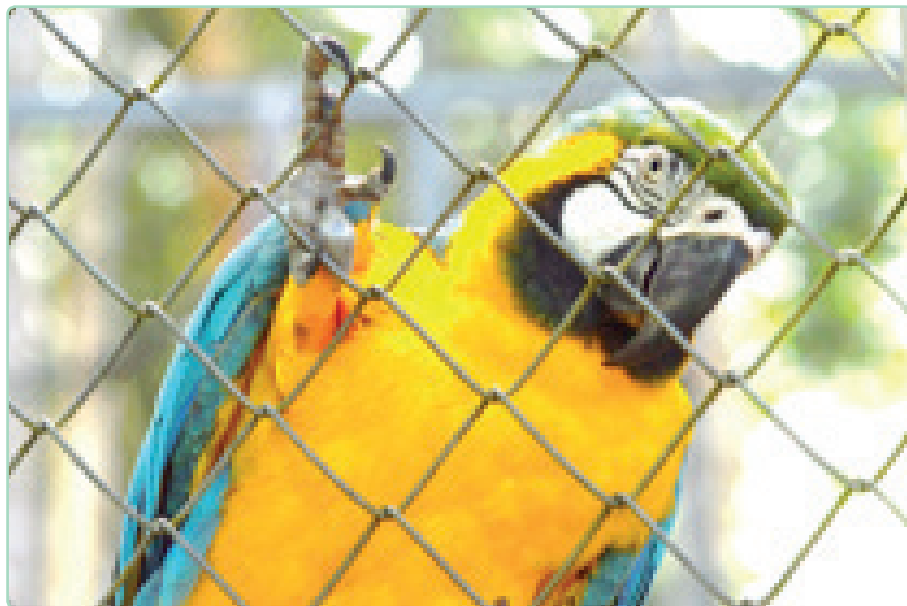


FIGURA 15: Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*)



DOENÇAS QUE AS AVES PODEM TRANSMITIR:

5.1 PSITACOSE

Também conhecida como Clamidiose Aviária, Ornitose e Febre dos Papagaios, é uma doença infecciosa aguda causada por clamídias.

5.1.1 AGENTE ETIOLÓGICO

O agente etiológico é a *bactéria Chlamydoxhila psittaci*.

5.1.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

No início geralmente os sintomas são brandos e pouco específicos, como uma gripe:

- Febre (que dura de duas a três semanas)
- Dores de cabeça
- Tosse seca (pode apresentar um muco esverdeado)
- Calafrios (arrepios), dores musculares e cansaço
- Sangramento nasal, aumento de volume do fígado e baço

- Vômito e diarreia, perda de apetite e dor abdominal.



NO ANIMAL:

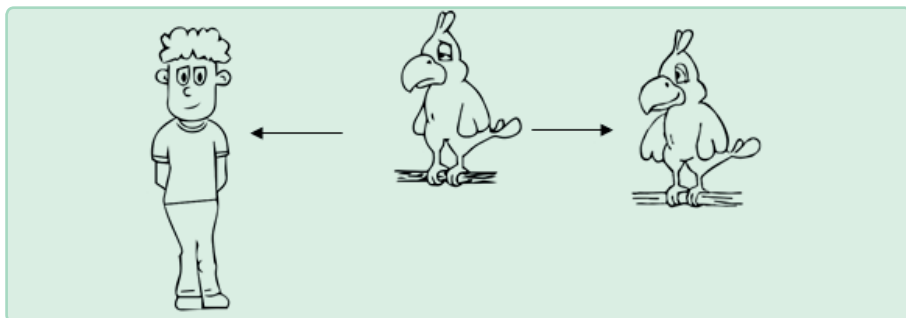
As aves geralmente são assintomáticas (ou seja, não apresentam sintomas) ou podem se apresentar tristonhas e quietas, com falta de apetite, perda de peso, hipotermia (podem apresentar tremores), penas arrepiadas, diarreia amarelada-esverdeada ou sanguinolenta, dificuldade para respirar, olhos semi-fechados, espirros, pneumonia e desidratação. Óbitos podem ocorrer.



5.1.3 TRANSMISSÃO:

A transmissão da bactéria ao homem ocorre principalmente pela inalação do microorganismo presente em penas e fezes secas ou pelo contato com secreção respiratória de aves infectadas.

Entre aves, a transmissão ocorre principalmente por via aerógena, também pela inalação de fezes secas e secreções nasais e oculares das aves infectadas. Outras vias de transmissão incluem ingestão de fezes contaminadas e por meio dos pais no momento da alimentação dos filhotes no ninho.



5.1.4 CONTROLE E PREVENÇÃO

- Ao adquirir animais selvagens como pets, escolher estabelecimentos onde há fiscalização
- Antes de introduzir um novo animal no recinto, fazer um período de quarentena
- Manter a higiene e limpeza dos recintos das aves
- Se um animal adoecer, pode-se fazer o tratamento com antibióticos, porém deve-se tomar muito cuidado ao mexer com ele e o mesmo deve ficar um tempo afastado de outras aves
- Evitar situações de estresse que possam desencadear a doença nos animais
- Pessoas que possuem aves devem ter contato “limitado” com as mesmas (evitar “beijos” etc.)

CAPIVARAS



6.

As capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), apesar de não serem criadas como animais de estimação apresentam uma proximidade muito grande com o ser humano, tanto em áreas urbanas como em áreas rurais. É possível visualizar com frequência grandes grupos de capivaras em parques ou fazendas, se alimentando e utilizando a mesma área que seres humanos. Essa proximidade pode trazer riscos para as pessoas, já que a capivara também pode abrigar e transmitir diversas doenças.

FIGURA 16: Capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*).



DOENÇAS QUE AS CAPIVARAS PODEM TRANSMITIR:

6.1 FEBRE MACULOSA BRASILEIRA

A febre maculosa brasileira (FMB) é uma doença infecciosa febril aguda, de gravidade variável, podendo variar desde as formas leves e não tão comuns, até formas graves, podendo levar a morte.

6.1.1 AGENTE ETIOLÓGICO

O agente etiológico da Febre Maculosa é principalmente a bactéria *Rickettsia rickettsii*.

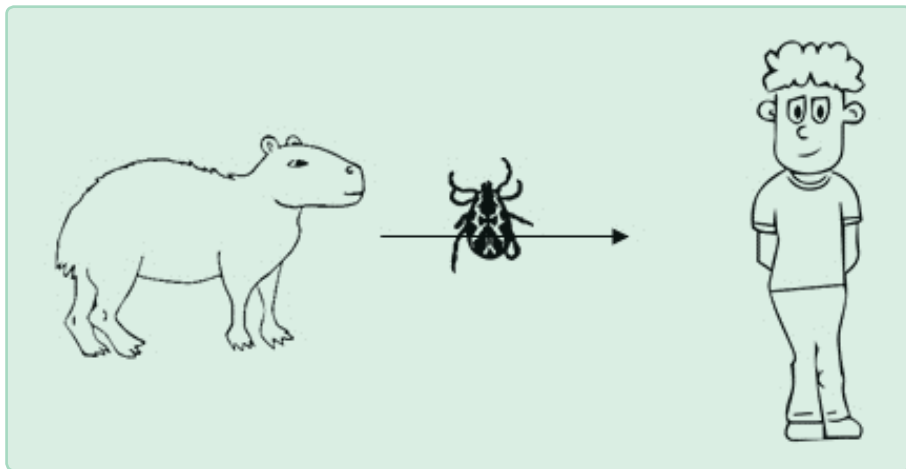
6.1.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM

Os sintomas iniciais são febre (moderada a alta, de 2 a 3 semanas) e calafrios, dores de cabeça e dores no corpo e leve inchaço nos olhos; manchas avermelhadas chamadas de “mácula” (por isso o nome da doença é febre maculosa) podem aparecer nos punhos, tornozelos, rosto, mãos e pés, estas podem aumentar de tamanho, ficando arroxeadas, no local da picada do carrapato, além disso, pode ocorrer sangramento de gengiva e do nariz, vômitos e tosse seca.

NO ANIMAL:

O animal dificilmente irá apresentar sinais clínicos aparentes



6.1.3 TRANSMISSÃO

Ocorre através da picada do carrapato (sendo o mais comum os do gênero *Amblyomma*) infectado pela bactéria.

- Fazer uso de carrapaticidas em animais domésticos e rotação de pastagens, para diminuir população de carrapatos
- Ao sair para áreas de risco, usar calças, botas e blusas de manga comprida, de preferência na cor branca, para evitar e visualizar os carrapatos
- Se houver carrapatos presos na pele, retirá-los imediatamente (de preferência, com uso de luvas)

- Em caso de suspeita de febre maculosa, se dirigir imediatamente ao posto de saúde e informar histórico de picada de carrapato ou presença em área de risco
- É importante, ter hábitos de higiene, pois, é necessário que o carrapato permaneça preso ao hospedeiro por, no mínimo, 4 a 6 horas para a transmissão da bactéria.

6.2 BRUCELOSE

6.2.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Atualmente, são reconhecidas nove espécies de *Brucella*. No Brasil, a maioria dos quadros de brucelose está associado a infecção por *Brucella abortus*.

6.2.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM

Apresenta quadro clínico muito variado, com febre contínua, intermitente ou irregular, de duração variável, de 1 a 3 semanas. A astenia é característica

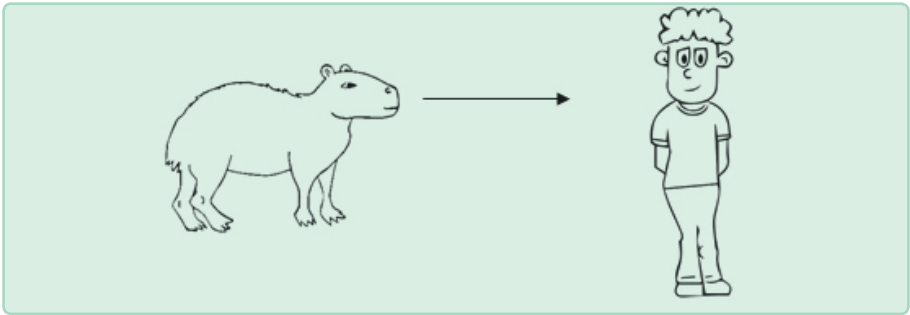
desta doença, onde qualquer exercício físico produz fadiga/cansaço intenso, acompanhada de dor de cabeça, mal-estar e sudorese (suor excessivo).

NO ANIMAL:

Infecções nas articulações, sendo que nas fêmeas, ocorre abortamento, nascimento de crias fracas, retenção de placenta e mastites (inflamação das glândulas mamárias). Enquanto nos machos ocorre orquite e epididimite (inflamações que ocorrem nos testículos), gerando infertilidade ou esterilidade.

6.2.3 TRANSMISSÃO

Ocorre através do contato com tecidos, sangue, urina, secreções vaginais, fetos abortados, placenta, ingestão de leite cru e derivados provenientes de animais infectados e acidentados de laboratório.



6.2.4 PREVENÇÃO E CONTROLE

- Evitar o compartilhamento de áreas comuns utilizadas por capivaras (açudes, gramados etc.);

- Controle sanitário animal, através da vacinação nos animais de produção;
- Utiliza produtos de origem animal com selo da inspeção sanitária.

6.3 LEPTOSPIROSE

Doença infecciosa febril de início rápido, também conhecida como Doença de Weil, que pode variar desde um processo inaparente até formas graves, com alta letalidade.

6.3.1 AGENTE ETIOLÓGICO

Bactérias patogênicas do gênero *Leptospira*.

6.3.2 SINAIS CLÍNICOS/SINTOMAS

NO HOMEM:

Formas assintomáticas (sem sintomas) a graves, podendo levar à morte. As manifestações clínicas são mal-estar, febre de início súbito, dor de cabeça,

dores musculares e, em casos graves, alterações hepáticas (fígado), renais (rins) e vasculares (vasos sanguíneos).

NO ANIMAL:

Em animais silvestres, os sinais observados são semelhantes aos apresentados por animais domésticos, tais como baixo índice de fertilidade, nascimento de crias fracas, abortamentos e alterações oculares

6.3.3 TRANSMISSÃO

A infecção humana resulta da exposição à água contaminada por urina ou tecido provenientes de animais infectados. A penetração do microrganismo ocorre por meio de ferimentos na pele e ou das mucosas da boca, olhos e narinas. Nos animais, a infecção geralmente ocorre por ingestão de água ou alimentos contaminados por urina de animais doentes ou portadores.



6.3.4. CONTROLE E PREVENÇÃO:

Implementação de medidas de controle tais como:

- Investimentos no setor de saneamento básico com melhoria das condições higiênico-sanitárias da população;
- Controle de roedores;
- Evitar o compartilhamento de áreas comuns utilizadas por capivaras (como, por exemplo, tomar banho em açudes e lagos utilizados por capivaras, sentar em áreas de gramado, onde os animais se alimentam, urinam, defecam etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



7.

Conforme foi observado, o convívio com animais silvestres pode acarretar diversos riscos para a populações humanas, que vão desde a transmissão de doenças a agressões físicas, pois os mesmos não passaram por processo de domesticação.

É importante ainda ressaltar que a captura de animais silvestres na natureza, sem a devida licença dos órgãos ambientais, constitui crime. Felizmente, existem criatórios legalizados que prezam a sanidade e bem estar animal proporcionando a população oportunidade do consumo e convívio saudável com estas espécies animais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. F. C; MATIAS, J; GARCIA, M. V; CUNHA, R. C; ANDREOTTI, R. Outras espécies e carrapatos de importância. Importância dos carrapatos na transmissão da Febre Maculosa Brasileira. EMBRAPA, Brasília, p.11-13, 2012.

ANDRADE, A; PINTO, S. C; OLIVEIRA, R. S; ORGS. **Animais de laboratório: criação e experimentação** [on line]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 388 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 Ago. 2015.

BEER, Joaquim. et al. **Doenças infecciosas em animais domésticos**. São Paulo: Roca, 1988.

_____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância epidemiológica. **Doenças Infecciosas e Parasitárias**. Guia de Bolso. 8 ed. rev. Brasília, 2010. 454p.

CUBAS, Z. S; SILVA, J. C. R; CATÃO – DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens: Medicina veterinária**. 2.ed. São Paulo: Roca, 2014.

_____. GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Centro de vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”. **Guia de vigilância Epidemiológica**. 1 ed.rev. São Paulo, 2012. 656.

CRMV-PR/CRMV-SC/CRMV-RS. Programa de Zoonoses - Região Sul. **Manual de Zoonoses**. v. 1, 1ª ed, 2009.

FIOCRUZ. Laboratório de imunomodulação departamento de protozoologia. **As leishmanioses**. 1997. Disponível em <http://www.dbbm.fiocruz.br/tropical/leishman/leishext/html/classifica__o_das_esp_cies.htm> Acesso em 09 de Ago. 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fundação Nacional de Saúde. **O que são leishmanioses? (Folder)**. 2007. Disponível em <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/126leishmaniose.html>> Acesso em 10 de agosto 2015.

_____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância epidemiológica. **Doenças Infeciosas e Parasitárias**. Guia de Bolso. 8 ed. rev. Brasília, 2010. 454p.

MORAILLON, Robert. et al. Manual Elsevier de veterinária: **Diagnóstico tratamento de cães gatos e animais exóticos**. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

RIBEIRO, Vânia Maria França. Animais silvestres: convivência e riscos. 1994.

RHODES, Karen Helton; WERNER, Alexander. **Dermatologia em pequenos animais**. 2.ed. São Paulo: Roca, 2014.

SOUZA, Márcia São Pedro Leal. **Acessibilidade geográfica aos serviços de saúde, retardo do diagnóstico e abandono dos casos de tuberculose**. 2015. 71p. Tese (Doutorado em saúde coletiva) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

TRABULSI, Luiz Rachid; ALTERTHUN, Flávio. **Microbiologia**. 5ª ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

